

QUANDO PISO EM FLORES



PPGS UFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA

Cidades, representações sociais
e experiências
na Amazônia Maranhense



QUANDO PISO EM FLORES



UFMA
PPGS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA

Cidades, representações sociais
e experiências
na Amazônia Maranhense



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

Fotos de Jesus Marmanillo Pereira e

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Alana Maria Cerqueira de Oliveira – Instituto Federal do Acre

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Ana Paula Florêncio Aires – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná



Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos – Universidade do Extremo Sul Catarinense
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof. Dr. Miguel Adriano Inácio – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista



Quando piso em flores: cidades, representações sociais e experiências na Amazônia Maranhense

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Clodomir Cordeiro de Matos Júnior
Karina Almeida de Sousa
Wheriston Silva Neris

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M433 Matos Júnior, Clodomir Cordeiro de
Quando piso em flores: cidades, representações sociais e
experiências na Amazônia Maranhense /
Organizadores Clodomir Cordeiro de Matos Júnior,
Karina Almeida de Sousa, Wheriston Silva Neris. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0539-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.399220209>

1. Ciências Sociais. 2. Saúde. 3. Tecnologia. I. Matos Júnior, Clodomir Cordeiro de (Organizador). II. Sousa, Karina Almeida de (Organizadora). III. Neris, Wheriston Silva (Organizador). IV. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



“Quando piso em flores
Flores de todas as cores
Vermelho sangue, verde-oliva, azul colonial
Me dá vontade de voar sobre o planeta
Sem ter medo da careta
Na cara do temporal.”

Boi de Haxixe, Zeca Baleiro, 1999.

APRESENTAÇÃO

O livro *Quando piso em flores: cidades, representações sociais e experiências na Amazônia maranhense* é fruto dos esforços dos/as docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). O programa está vinculado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) na cidade de Imperatriz, município localizado na região Sudoeste do Maranhão, porção do estado que compreende a parte maranhense da Amazônia Brasileira.

O PPGS iniciou suas atividades em 05 de setembro de 2018, quando da sua aprovação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), e tem em seu quadro docente profissionais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), dos campi de Imperatriz, Bacabal, São Bernardo e São Luís, e da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), campus Tocantinópolis.

Este livro ganha importância inaugural por ser a primeira coletânea organizada pelos(as) docentes e discentes que compõem o PPGS, dando vazão e forma às múltiplas agendas e temas que permeiam as duas linhas de pesquisa do programa e os interesses investigativos do grupo. Nessa perspectiva, o livro representa um dispositivo capaz de dar visibilidade à produção realizada no âmbito da universidade pública.

*Quando piso em flores*¹: *cidades, representações sociais e experiências na Amazônia Maranhense* é o nome que escolhemos para nossa primeira publicação, pois de forma simultânea nos remete a dois contextos distintos e intercambiados. Pisar sobre flores é, de certa forma, uma boa metáfora para as experiências de um programa de pós-graduação em seus anos iniciais, principalmente quando nos voltamos para os desafios de propor, aprovar e consolidar cursos dessa natureza no interior do estado do Maranhão, ao mesmo tempo circunscrito no Nordeste brasileiro e na Amazônia Legal², território marcado por grandes desigualdades em relação ao restante do Brasil. Nessa perspectiva, caminhar com cuidado e solidez também é nosso desafio, pois estamos envolvidos em um processo de implantação de um programa de pós-graduação em regiões de baixa oferta de vagas nesse nível de formação, fruto da desigualdade histórica do sistema de ensino e da produção científica no país.

Além disso, esse título traduz nosso cotidiano pessoal e profissional durante esses dois anos e meio de suspensão de nossas atividades presenciais devido à necessidade

1. Verso extraído da música *Boi de Haxixe*, composta por Zeca Baleiro para o álbum *Vô Imbolá* (1999).

2. A Amazônia Legal, instituída pela Lei Federal 1.806/1953, engloba nove estados do Brasil e foi instituída pelo governo brasileiro como forma de planejar e promover o desenvolvimento social e econômico dos estados da região amazônica.

de isolamento físico associado ao enfrentamento da pandemia causada pelo SARS-CoV-2³. Durante esse momento nossas atividades profissionais, aulas, orientações, pesquisas, reuniões e encontros de corredores passaram a ser mediados por tecnologias estranhas para quase todos nós, docentes, discentes, gestores e técnicos administrativos da universidade. O cuidado com o qual se pisa em flores, nessa ótica, traduz parte do nosso caminhar coletivo, que apesar de solitário é sensivelmente resistente e esperançoso.

O livro está dividido em três sessões e materializa o trabalho de uma rede de pesquisadores que tem se mobilizado na construção de interpretações e reflexões a respeito do estado do Maranhão e da chamada região tocantina, marcada por fronteiras e transições entre as regiões Norte e Nordeste do país. Seu conteúdo é permeado por artigos produzidos a partir de dissertações defendidas em 2021 por nossa primeira turma de formandos e por trabalhos elaborados em diálogo com pesquisas que estão em andamento no programa. Promovendo a divulgação e circulação desse material, rico em aportes teóricos e metodológicos produzidos sob os mais diferentes ângulos e perspectivas, pretendemos contribuir com a produção do conhecimento científico em terras maranhenses, estimulando debates e reflexões sobre os múltiplos objetos e temas que permeiam as páginas que compõem esse livro.

Esperamos que a publicação desse volume possa contribuir para a difusão do conhecimento e servir de fonte de consulta para pesquisadores, gestores públicos e planejadores de políticas públicas, contribuindo de maneira sensível para o desenvolvimento do Estado e o alargamento de seus preceitos democráticos⁴.

A primeira parte do livro, intitulada *Cidades, Representações Sociais e Experiências Urbanas na Pandemia*, agrupa quatro artigos escritos por professores e discentes do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Imperatriz, Maranhão. Os capítulos desta etapa inicial do livro versam, através de diferentes abordagens teóricas e do manejo de repertórios metodológicos multifacetados, sobre as cidades, os sujeitos que lhe dão forma e suas experiências, especialmente durante a crise sanitária associada à Pandemia do COVID-19.

3. O coronavírus SARS-CoV-2 é responsável pela Covid-19, uma infecção respiratória aguda, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de alcance global.

4. A publicação do livro contou com o inestimável financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPE-MA) através do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) e Apoio aos Programas de Pós-Graduação Emergentes e em Consolidação em Áreas Prioritárias no Estado (Edital 18/2020).

O artigo que abre nossa obra, *Notas introdutórias sobre as Cidades na literatura sociológica clássica*, escrito por Angélica Lima Melo e Clodomir Cordeiro de Matos Júnior, apresenta de maneira sumária, com grande valia para os leitores que pretendem percorrer os passos do processo de legitimação das cidades e seus sujeitos como objeto das Ciências Sociais, algumas das contribuições de autores de significativa importância para a formação da Sociologia enquanto ciência. Explorando, de maneira introdutória, algumas das principais obras de autores como Karl Marx, Friedrich Engels, Émile Durkheim, Max Weber e George Simmel, o texto abre aos neófitos e estudiosos das cidades o acesso a alguns dos aportes teóricos e metodológicos decisivos para sua compreensão sob uma perspectiva sociológica. Trilhando os caminhos que permitiram que os estudos sobre as cidades, antes objetos presentes de maneira transversal em muitos escritos da área, ganhassem legitimidade e importância na área da nascente ciência social, ganha destaque no texto de maneira sensível a compreensão das múltiplas transformações, sujeitos e questões que emergem associados às dinâmicas das cidades contemporâneas. Desprendendo-se das dinâmicas do campo, o homem da cidade rompe com suas formas de vida anteriores a partir da fluidez e ritmo da vida urbana, forjando arranjos culturais, sociais, econômicos, políticos e trabalhistas que transformam as formas de viver e compreender os contextos citadinos.

O segundo capítulo dessa sessão, intitulado *Estigmatização Territorial: a ocupação urbana da Vila Esperança em Imperatriz - MA* e escrito por Glenda Almeida Matos Moreira e Jesus Marmanillo Pereira, examina os processos de construção social dos estigmas relacionados aos territórios na cidade de Imperatriz através das experiências da ocupação urbana da Vila Esperança. Valendo-se de uma metodologia multissituada, que envolveu uma etapa etnográfica, contatos virtuais e pesquisas em arquivos, especialmente documentos históricos e fontes jornalísticas, os autores revelam como questões ligadas à posse da terra e relatos acerca da violência passam a compor o repertório de representações acionados nas narrativas acerca da comunidade e seus moradores, traçando hierarquias e fronteiras simbólicas em torno dos espaços das cidades e seus sujeitos. Adentrando o campo dos estudos dos estigmas (GOFFMAN, 2008) por meio das representações que permeiam reportagens jornalísticas, relatórios oficiais e discursos de lideranças locais, narrativas permeadas pelas categorias “invasão”, “ocupação”, “bairro” e/ou “comunidade” nos remetem, segundo os autores, a conflitos, interesses e disputas classificatórias em torno das maneiras de “viver na” e “ocupar a” cidade de Imperatriz, região sul do Estado do Maranhão.

O terceiro capítulo dessa primeira parte do livro, *As modificações no consumo de Panelada⁵ em Imperatriz - MA durante a Pandemia de Covid-19*, escrito por Greacy Kelly

5. A panelada é uma preparação cozida feita a partir dos miúdos de gado muito apreciada em alguns estados do Brasil,

Rodrigues Azevedo e Emilene Leite de Sousa, apresenta, de maneira sensível e pontual, algumas das questões que envolveram as transformações das dinâmicas alimentares e das práticas de consumo dos moradores da cidade de Imperatriz, Maranhão, durante o período de isolamento social acionado no combate ao Covid-19.

Analisando o perfil do público consumidor desse tradicional prato do Nordeste do Brasil, seus espaços de consumo distribuídos pela cidade e as mudanças que permeiam as práticas alimentares durante a Pandemia por meio de uma pesquisa que envolveu etapas qualitativas e quantitativas, as autoras aportam questões significativas para os estudos sobre a interface entre alimentação, cultura e sociedades. Ao identificar transformações significativas nas dinâmicas de consumo da panelada, especialmente quando são colocados em tela espaços, horários e frequências, o texto nos permite compreender, sob a ótica dos habitantes de uma cidade do Sul do Maranhão, os sentidos e as conexões entre comida, tradição e consumo durante uma crise sanitária de proporções ainda incalculáveis.

O último capítulo dessa sessão inicial, *Motoristas Urbanos em tempos de Covid-19: representações sobre cotidiano, medo e trabalho em Imperatriz, Maranhão, Brasil*, escrito por Ana Paula Pinto Pereira e Clodomir Cordeiro de Matos Júnior, analisa as experiências e representações dos motoristas urbanos, especialmente aqueles que trabalham por aplicativos, da cidade de Imperatriz, Maranhão, durante o período de isolamento social estimulado pelo combate à Pandemia do Covid-19.

Explorando as narrativas e representações desses sujeitos acerca das questões econômicas, sociais e culturais que envolvem o exercício de suas atividades por meio da aplicação de questionários com esses interlocutores, os autores revelam alguns dos sentidos associados ao “mundo do trabalho” e suas possibilidades durante um período que envolveu profundas transformações em suas rotinas de trabalho, rendimentos e expectativas. Através das narrativas e impressões desses sujeitos acerca do cotidiano, seus medos e relações de trabalho durante o período de isolamento social, alguns dos ajustes comportamentais e subjetivos possíveis durante a Pandemia ganham forma, aguçando o olhar sociológico para a compreensão dos sujeitos responsáveis pelo transporte urbano de pessoas no Maranhão durante a presente crise sanitária.

A segunda parte do livro reúne quatro artigos escritos, igualmente, por professores, orientandos e/ou colaboradores do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal

do Maranhão, Campus de Imperatriz, agrupados aqui em torno dos seguintes eixos temáticos: *Grupos Étnicos, Religiões e Narrativas de Resistência na Fronteira Amazônica Maranhense*. Antes que a leitura dos textos submeta ao leitor o veredicto sobre a melhor forma de organizá-los, parece-nos que apresentar alguns motivos que justificariam esse modo de exploração das suas afinidades substantivas constituiria um bom guia de leitura. Apenas três, a título de sugestão e para não sermos muito longos.

Começaríamos, em primeiro lugar, pela sensibilidade manifestada aos modos de produção de saberes e conhecimentos contextualizados, o que constitui um convite para que os leitores exercitem a escuta compreensiva e experimentem escalas e perspectivas variadas de observação que não necessariamente correspondem às suas. Antes de um obstáculo, a pluralidade dos marcos teóricos e a interdisciplinaridade intrínsecas favorecem, por seu turno, a inventividade das escolhas metodológicas, construindo um cardápio variado e pedagogicamente útil sobre a construção de objetos sociológicos. Por fim, e não menos importante, os autores ocupam uma posição epistemológica que não deixa de ter afinidades com o próprio lugar social e institucional dos pesquisados. Desse lugar, não apenas conseguem ecoar as vozes de subjetividades resistentes, dotadas de graus variáveis de reflexividade, como também articular-se aos debates e tendências mais recentes no universo cada vez mais plural e diversificado das Ciências Sociais contemporâneas.

Essas diferentes dimensões de análise estão presentes desde o primeiro dos capítulos desta seção, *Índigenas Krikati e mulheres quebradeiras de coco babaçu na Amazônia Maranhense*, de autoria de Francisca Regilma, Leandro Araújo e Vanda Pantoja, o qual analisa comparativamente as formas de existência e resistência de dois grupos extrativistas, subalternizados, na/da fronteira amazônica maranhense, a saber: os indígenas pertencentes à Etnia Krikati e as Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu. Para responder à questão primeira de saber como esses sujeitos narram, concebem, vivenciam as experiências de ameaças e conflito e se autodefinem para defender sua existência, os autores nos convidam para um desafiante, rigoroso e sensível exercício de imaginação sociológica.

Desafiante, em primeiro lugar, pela tentativa de desenvolver uma escuta atenta às similaridades e particularidades de dois grupos subalternos que elaboram, em diversos níveis e graus, formas de resistência política contra as múltiplas opressões a que são sujeitos. É aqui, inclusive, que encontramos a validade da proposta dos autores de conceber essas ações de resistência tanto em um plano que qualificam de *infrapolítico*, ou seja, em suas formas e manifestações mais comunitárias, cotidianas, discretas e/ou silenciosas; quanto em suas dimensões, digamos, mais *estritamente políticas*, posto que acionadas em

situações de mobilizações coletivas publicizadas, em conexão com o universo ordinário da representação política especializada ou sob formas reconhecidamente políticas (movimentos, sindicatos, organizações, associações, etc.).

Para enfrentar tal natureza de questões, em segundo lugar, o leitor será convidado para um exercício relativamente rigoroso de compreensão das bases teóricas da pesquisa (perspectiva crítica, decolonial), da metodologia empregada (método etnográfico) e do *corpus* conceitual que subsidia a proposição de um outro olhar sobre os sujeitos e sujeitas da pesquisa. É com base nesse conjunto articulado que os autores visam compreender como estes realizam a mediação entre esferas sociais, elaboram estratégias diferenciadas e adaptáveis face às políticas públicas, os quais não apenas dão mostras das “subjetividades resistentes”, “ativas”, como também constituem uma contribuição para pensar a própria construção de “conhecimentos localizados”, contextuais.

Trata-se aqui, sem dúvida, da exploração de uma perspectiva sensível à pluralidade epistemológica do mundo, dentro da qual se inclui a dos próprios pesquisadores, que também se esforçam para problematizar suas próprias experiências e lembranças como sujeitos e sujeitas que compartilham de memórias camponesas e coabitam o espaço recortado. A fronteira mencionada demarca, portanto, não apenas um lugar de conflitos, de exploração, de ausência de empatia e de produção de alteridades; ela delimita tanto um lugar de existência, resistência e sonhos, como também uma escala de observação e reflexão epistemológicas.

Essa mesma sensibilidade é encontrada no próximo artigo da seção, intitulado “*NOSSA CASA ERA O CHAPÉU*”: *Mobilidade e parada como questões para compreender os ciganos Calon em São João do Paraíso (MA)*, de autoria de Janeide Cavalcante, Wellington Conceição e Edilma Monteiro. O objetivo da pesquisa é analisar a construção da identidade dos ciganos na cidade de São João do Paraíso, Estado do Maranhão, tendo em vista uma série de representações estereotipadas e etiquetagens que lhes são atribuídos pelos moradores da referida cidade. Metodologicamente a pesquisa recorre a entrevistas e à observação direta com duas famílias ciganas, a fim de compreender os condicionantes da presença e as motivações para fixação dessas famílias no espaço em pauta.

Após realizarem necessária historicização dos conceitos e refletirem sobre o imaginário e estigmas construídos sobre os ciganos, os autores retomam então as narrativas do processo de instalação de famílias ciganas na cidade, demonstrando como essa experiência reproduz, em pequena escala, uma figuração universal representada pela divisão entre *Estabelecidos* e *Outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000). De um lado, aos *Estabelecidos* corresponderia a posição “superior” dos moradores da região, que emitiam juízos negativos a respeito dos ciganos como pessoas de estirpe “inferior”;

noutro, os *Outsiders*, representados pelos ciganos recém-chegados, os quais eram vistos como “ameaças”, como portadores de comportamentos e costumes indesejáveis ou recorrentemente submetidos a julgamentos depreciativos.

A reconstituição cuidadosa dessa sociodinâmica da estigmatização de um ponto de vista histórico contextual, e com base nas próprias falas dos ciganos abre aos autores, então, a oportunidade para refletir sobre uma série de particularidades das reconfigurações identitárias dentro das relações grupais em pauta (reenquadramento do passado; ethos grupal, limites de pertencimento, dinâmicas de parentescos e alianças), que vale a pena atentar na leitura. Vide, por exemplo, nas falas dos entrevistados como se redefine a dualidade entre *andador* e *morador*; entre *nômades* e *sedentários*, ao que se vincula, inclusive, o título do capítulo. Ou até mesmo a questão dos efeitos de estigmatização grupal sofridos pelos ciganos, as estratégias esquivas e os “reendereçamentos” que podem provocar nas relações intragrupais. Seja como for, ao fim e ao cabo, os autores demonstram como os ciganos conseguem (res)significar suas identidades sociais em uma tensão constante entre as representações e categorizações estigmatizantes que lhes são impostas, e as suas formas de resistência, simbolização de unidade e luta pelo reconhecimento de uma forma particular de ser e estar no mundo social.

No terceiro artigo desta seção, intitulado *OS EVANGÉLICOS E A POLÍTICA: Condicionantes e lógicas do engajamento político de lideranças pentecostais da Igreja Assembléia de Deus em Imperatriz - MA*, Bezaliel Alves e Wheriston Neris objetivam analisar as intersecções entre o universo evangélico e a política no Brasil contemporâneo através da exploração das lógicas simultaneamente coletivas e individuais de engajamento político de lideranças da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Imperatriz (IEADI). Com base no recurso a diversas estratégias metodológicas combinadas, tais como observação direta, entrevistas, exploração de arquivos e publicações institucionais, os autores levantam questões pertinentes a respeito das modalidades, processos e condicionantes dessa forma de participação política, com foco especial sobre os agentes mais destacados por esses trânsitos e mediações.

Enfrentando o desafio de objetivar uma denominação religiosa bastante representativa no Brasil e particularmente na região imperatrizense, os autores articulam quatro principais eixos de exploração da temática. Em primeiro lugar, realizam um balanço breve das produções bibliográficas nacionais a respeito da atuação evangélica na política brasileira, com a finalidade de delimitar os contornos, padrões e peculiaridades dessa interação entre as esferas religiosa evangélica e o campo político. Em seguida, os autores trazem elementos para compreender os processos de institucionalização e de recomposição organizacional da Assembleia de Deus em uma região de forte presença evangélica, como

aquele que caracteriza a fronteira amazônica maranhense. Na sequência, são os padrões, modos de filtragem, os princípios de seleção e preparação que são destacados ao lado dos perfis sociais dos entrevistados, revelando algumas das recorrências nas triagens que operam dentro da ordem institucional. Por fim, e não menos importante, buscam explorar as percepções de lideranças locais selecionadas a respeito das relações mantidas com as instâncias e dinâmicas convencionais da política (partidos, eleições, bases ideológicas, pautas e modos de representação).

Com efeito, à semelhança dos demais capítulos reunidos, reencontramos aqui um esforço instrutivo de combinação entre três níveis de análise cuja articulação parece bastante útil para orientar estudos sobre o tema em pauta. De início, pelo esforço de retomar uma rica e diversificada bibliografia no campo das Ciências Sociais que, embora não constitua propriamente uma novidade temática, tem produzido excelentes contribuições para pensar as relações complexas entre Igrejas Evangélicas, candidaturas e eleições no Brasil. Em segundo lugar, destacaríamos a opção por discutir as dimensões mais propriamente institucionais que filtram e controlam a seleção de candidaturas e a constituição dos representantes. Aqui entram em pauta desde as peculiaridades do *ethos religioso*, as particularidades do processo de institucionalização e as lógicas próprias de enquadramento, filtragem e preparação dos agentes encarregados de se investirem na política, como será visto.

Em um terceiro nível, que designaríamos como individual, podemos observar então as propriedades sociais destes agentes, o que constitui etapa fundamental para evitar alguns vícios de linguagem, como caracterizar, por exemplo, instituições, grupos e/ou coletivos religiosos como unidades homogêneas. É desse ângulo, inclusive, que vale a pena estudar as percepções subjetivas desses agentes sobre suas trajetórias, a respeito dos condicionantes de seus investimentos na política e suas posições com relação à mediação que realizam entre as esferas sociais em pauta. E é neste ponto que o refinamento da análise pode ajudar a compreender o universo em pauta de uma perspectiva menos substancializada, dando espaço para apreender algumas das ambiguidades e peculiaridades desse modo de participação política.

A questão da variação de escalas, da construção identitária e dos processos de estigmatização voltam à cena, por seu turno, no instigante estudo de Bruno Barros dos Santos e Rogério de Carvalho Veras, intitulado: *Maria Bonita de Tocantinópolis: história de vida de uma mãe-de-santo do Norte Tocantinense*. A escala aqui já não é a de coletivos ou grupos, mas declaradamente individual. Trata-se de explorar as narrativas de vida de Maria do Rosário - mais conhecida como Maria Bonita - suas entidades e de algumas de suas filhas de Santo, bem como diversas anotações registradas em caderno de campo

ao longo de diversos anos de pesquisa (2010-2015) na Tenda Jorge Guerreiro, cidade de Tocantinópolis - TO, para problematizar dimensões importantes das experiências identitárias de religiões afro-brasileiras na região.

Quer dizer, ao acompanhar com profundidade as memórias de diversos informantes - incluídas aquelas obtidas em várias entrevistas e conversas com a referida mãe de santo – reencontramos não apenas as particularidades e vicissitudes de uma trajetória única, como também parte da realidade social e coletiva de umbandistas estigmatizados e de mulheres negras e independentes no espaço em pauta. Porém, convém notar que embora a religião seja tomada como um dos fios condutores da reconstituição de sua história de vida pelos autores, notadamente as relações com os guias espirituais, a análise das diversas etapas, ciclos e esferas de vida da personagem são tomadas como processos bastante dinâmicos, plurais e não evidentes.

Nesse sentido, parece adequada a definição dos autores de que a história de vida de Maria Bonita nos é apresentada sob o signo da pluralidade e da resistência. A começar pelos diferentes papéis que assumiu ao longo de sua vida e dos estigmas e categorizações que recebeu na condição de mulher, mãe e sacerdote de umbanda, entre outras. Soma-se a isso o fato de que, nessas condições, o *fazer-se mãe de santo* resulta de um processo complexo de mediação que interpenetra o sagrado e o profano; o íntimo e o coletivo; a liberdade e o dever, enfim, exigindo toda uma série de negociações e acordos. Por fim, e não menos importante, a própria diversidade dos relatos, as lacunas e os novos fragmentos de memória acionados pelos vivos a respeito da médium denotam que, mesmo com sua partida, sua história de vida se renova continuamente através dos relatos e memórias produzidas no tempo presente.

Os capítulos que compõem a Parte III, *Instituições, Sujeitos e Experiências*, voltaram-se ao estudo das instituições e da agência dos sujeitos no Estado do Maranhão. As pesquisas apresentadas direcionam-se, particularmente, a grupos que possuem uma experiência e conhecimentos socialmente subalternizados, a partir de clivagens sociais como geração, gênero, raça e dependência química.

O capítulo de autoria de Jéssica Lima e Emilene Sousa destaca a distinção entre o fazer antropologia *sobre* as crianças e *com* as crianças. As pesquisadoras dedicam-se à análise da autonomia infantil em situações de abrigo, a partir da análise da Casa da Criança, uma instituição de acolhimento com sede na cidade de Imperatriz/MA. O

texto aprofunda-se nas estratégias de autonomia desenvolvidas pelas crianças quando inseridas em um espaço institucional caracterizado pelo cuidado/vigilância excessiva do Estado. A partir da pesquisa etnográfica (GEERTZ, 1989), as pesquisadoras exemplificam as formas de desenvolvimento da agência infantil na experiência das crianças em situação de institucionalização.

Na linha dos estudos que se voltam à análise das instituições sociais e da agência dos sujeitos, a pesquisadora Ana Luísa Naslauský e o pesquisador Wellington Conceição apresentam um estudo voltado à relação entre drogas e moralidade na sociedade brasileira, a partir da análise de matérias jornalísticas publicadas no estado do Maranhão. O capítulo resgata, de modo sucinto, o histórico e perfil do proibicionismo na política de drogas no país e a análise da recepção das políticas de drogas sob o viés das moralidades. Respaldados por este histórico, os pesquisadores propuseram uma análise do proibicionismo como estratégia utilizada pela política de drogas por meio do discurso midiático. Com foco nas reportagens publicadas pelos principais portais de notícias do estado do Maranhão os pesquisadores concluem que a abordagem proibicionista, particularmente pelo viés da criminalidade, baseia-se em aspectos da moralidade tais como referências religiosas, atuando como reforço para a definição dos estereótipos atribuídos ao grupo.

As pesquisadoras Luiza Lepos e Vanda Pantoja, autoras do capítulo *Uma análise do gênero na educação básica a partir dois livros didáticos de sociologia*, apresentaram um estudo minucioso sobre o lugar das pesquisadoras na produção do conhecimento nas Ciências Sociais, em especial no que toca à produção científica sobre gênero. A análise parte da adoção de métodos qualitativos e quantitativos dos livros didáticos de sociologia adotados pelas escolas públicas com sede na cidade de Imperatriz/MA. A perspectiva teórica adotada pelas autoras considera os processos de exclusão da mulher na esfera pública como imposição de um sistema moderno colonial de gênero (LUGONES, 2014b). A abordagem decolonial é, portanto, apresentada como fundamental para a compreensão da interseccionalidade étnico-racial, classe e sexualidade. O capítulo expõe um histórico sobre a presença da sociologia no ensino médio, seguido pela análise dos documentos institucionais, como os PCNs e o PNLD. Como conclusão, as autoras apresentam uma crítica à produção científica, em especial sobre gênero, respaldada por uma teoria eurocentrada e masculinista, reproduzindo desta feita, uma série de desigualdades de gênero.

O último capítulo da Parte III buscou compreender a ação da Polícia Militar frente aos casos de violência doméstica na cidade de Imperatriz/MA. Os autores Edisio Junior e Maciel Cover utilizam-se da observação participante, propiciada pelo vínculo institucional do primeiro autor à Polícia Militar do Estado do Maranhão, como metodologia e ainda como estratégia para acesso aos sujeitos pesquisados-agentes vinculados aos plantões

de rua e à patrulha Maria da Penha (PMP). Por meio de questionários *online*, elaborou-se uma análise da abordagem policial, nos dois grupos, que apontou para as ausências, e os procedimentos de (re)vitimização das mulheres vítimas de violência doméstica, indicando ainda a importância de conhecer e problematizar a ação da polícia militar. Com a contribuição dos agentes policiais, a partir dos relatos colhidos pelos questionários, os autores exploraram temas comumente vinculados à violência doméstica, tais como uso da força física, dependência financeira, influência do uso de álcool, personalidade do agressor e percepções dos agentes sobre as mulheres vítimas de violência, entre outros temas. O capítulo conclui destacando o impacto positivo da capacitação dos agentes no atendimento as ocorrências de violência doméstica, analisado pelas abordagens dos grupos estudados.

Elaborado sob muitas mãos, mentes e experiências, este livro materializa aprendizagens, ensinamentos e o trabalho intelectual de um grupo de pesquisadores e nossos interlocutores e interlocutoras, aos quais agradecemos imensamente ao fim desta introdução.

“Arrocha na leitura!”

Boa leitura!

Imperatriz, 25/04/2022.

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

Karina Almeida de Sousa

Wheriston Silva Neris

SUMÁRIO

PARTE I- CIDADES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E EXPERIÊNCIAS URBANAS NA PANDEMIA

CAPÍTULO 1..... 1

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE AS CIDADES NA LITERATURA SOCIOLOGICA CLÁSSICA

Angélica Lima Melo

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202091>

CAPÍTULO 2..... 19

ESTIGMAZAÇÃO TERRITORIAL: A OCUPAÇÃO URBANA DA VILA ESPERANÇA EM IMPERATRIZ - MA

Glenda Almeida Matos Moreira

Jesus Marmanillo Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202092>

CAPÍTULO 3..... 40

AS MODIFICAÇÕES NO CONSUMO DE PANELADA EM IMPERATRIZ - MA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Greacy Kelly Rodrigues Azevedo

Emilene Leite de Sousa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202093>

CAPÍTULO 4..... 64

MOTORISTAS URBANOS EM TEMPOS DE COVID-19: REPRESENTAÇÕES SOBRE COTIDIANO, MEDO E TRABALHO EM IMPERATRIZ, MARANHÃO, BRASIL

Ana Paula Pinto Pereira

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202094>

PARTE II - GRUPOS ÉTNICOS, RELIGIÕES E NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA NA FRONTEIRA AMAZÔNICA MARANHENSE

CAPÍTULO 5..... 80

INDÍGENAS KRIKATI E MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NA AMAZÔNIA MARANHENSE

Francisca Regilma de Santana Santos

Leandro Araújo da Silva


Vanda Pantoja

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202095>

CAPÍTULO 6..... 100

“NOSSA CASA ERA O CHAPÉU”: MOBILIDADE E PARADA COMO QUESTÕES PARA COMPREENDER OS CIGANOS CALON EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO (MA)

Janeide da Silva Cavalcante
Wellington da Silva Conceição
Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202096>

CAPÍTULO 7..... 118

OS EVANGÉLICOS E A POLÍTICA: CONDICIONANTES E LÓGICAS DO ENGAJAMENTO POLÍTICO DE LIDERANÇAS PENTECOSTAIS DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM IMPERATRIZ - MA

Bezaliel Alves Oliveira Junior
Wheriston Silva Neris

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202097>

CAPÍTULO 8..... 144

MARIA BONITA DE TOCANTINÓPOLIS: HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MÃE-DE-SANTO DO NORTE TOCANTINENSE

Bruno Barros dos Santos
Rogério de Carvalho Veras

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202098>

PARTE III - INSTITUIÇÕES, SUJEITOS E EXPERIÊNCIAS

CAPÍTULO 9..... 167

SOBRE PÁSSAROS E GAIOLAS: UMA ANÁLISE DA AGÊNCIA INFANTIL EM UMA CASA ABRIGO DE IMPERATRIZ


Jéssica de Sousa Lima
Emilene Leite de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992202099>

CAPÍTULO 10..... 191

PROIBICIONISMO BRASILEIRO E MORALIDADES NA OPINIÃO PÚBLICA: O PAPEL DA MÍDIA MARANHENSE

Ana Luísa Rocha Martins Naslausky
Wellington da Silva Conceição
Beatriz Brandão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39922020910>

CAPÍTULO 11..... 209

UMA ANÁLISE DO GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA A PARTIR DOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA

Luiza Maria Paixão Lemos

Vanda Pantoja


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39922020911>

CAPÍTULO 12..... 235

INTERPRETANDO A ATUAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR EM CASOS DE VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA NO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ / MA

Edisio Do Ó Loiola Junior

Maciel Cover

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39922020912>

SOBRE OS AUTORES 261

SOBRE OS ORGANIZADORES 266

MOTORISTAS URBANOS EM TEMPOS DE COVID-19: REPRESENTAÇÕES SOBRE COTIDIANO, MEDO E TRABALHO EM IMPERATRIZ, MARANHÃO, BRASIL

Data de aceite: 03/08/2022

Ana Paula Pinto Pereira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz, MA.
E-mail: anapaula.ap1@hotmail.com.

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz, MA. E-mail: clodomir.cordeiro@ufma.br.

RESUMO: Partindo do pressuposto de que os motoristas urbanos, especialmente taxistas, mototaxistas e motoristas de aplicativos, retiram os recursos de sua subsistência do ofício de transportar pessoas, o presente artigo busca compreender sociologicamente as representações e narrativas desses sujeitos acerca das questões econômicas, sociais e culturais relacionadas ao exercício de suas atividades durante o período de isolamento social estimulado pelo combate à Pandemia da Covid-19. Através da aplicação de questionários com esses interlocutores no ano de 2020, exploramos ao longo do texto suas impressões acerca do cotidiano, dos medos sociais e das relações de trabalho durante o período da “quarentena”. Nessa perspectiva, o que se pretende é analisar de maneira incipiente as transformações potencializadas pela crise sanitária em nossos arranjos sociais e de maneira específica as mudanças que ganharam forma no

cotidiano e práticas de trabalho dos motoristas urbanos de Imperatriz, Maranhão, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Motoristas; Cidades; Pandemia; Medo; Trabalho.

URBAN DRIVERS IN TIME OF COVID-19: REPRESENTATIONS ABOUT DAILY LIFE, FEAR AND WORK IN IMPERATRIZ, MARANHÃO, BRAZIL

ABSTRACT: Assuming that urban drivers, especially taxi drivers, motorcycle taxi drivers and app drivers, derive their livelihood resources from the job of transporting people, this article seeks to sociologically understand the representations and narratives of these subjects about economic, social and cultural issues related to the exercise of their activities during the period of social isolation stimulated by the fight against the Covid-19. Through the application of questionnaires with these interlocutors in the year 2020, we explore throughout the text their impressions about everyday life, social fears and work relationships during the period of “quarantine”. In this perspective, the aim is to analyze in an incipient way the transformations potentiated by the health crisis in our social arrangements and specifically the changes that took shape in the daily life and work practices of urban drivers in Imperatriz, Maranhão, Brazil.

KEYWORDS: Drivers; Cities; Pandemic; Fear; Work.

CONDUCTORES URBANOS EN TIEMPOS DE COVID-19: REPRESENTACIONES SOBRE VIDA COTIDIANA, MIEDO Y TRABAJO EN IMPERATRIZ, MARANHÃO, BRASIL

RESUMEN: Asumiendo que los conductores urbanos, especialmente los taxistas, los mototaxistas y los conductores de aplicaciones, derivan sus recursos de subsistencia del trabajo de transporte de personas, este artículo busca comprender sociológicamente las representaciones y narrativas de estos sujetos sobre cuestiones económicas, sociales y culturales relacionadas con el ejercicio de sus actividades durante el período de aislamiento social estimulado por la lucha contra el Covid-19. Mediante la aplicación de cuestionarios con estos interlocutores en el año 2020, exploramos a lo largo del texto sus impresiones sobre la vida cotidiana, los miedos sociales y las relaciones laborales durante el período de “cuarentena”. En esta perspectiva, el objetivo es analizar de forma incipiente las transformaciones potenciadas por la crisis sanitaria en nuestros arreglos sociales y específicamente los cambios que se concretaron en el cotidiano y en las prácticas de trabajo de los conductores urbanos en Imperatriz, Maranhão, Brasil.

PALABRAS CLAVE: Conductores; Ciudades; Pandemia; Miedo; Trabajo.

1 | INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que os motoristas urbanos, especialmente taxistas, mototaxistas e motoristas de aplicativo, obtêm os recursos financeiros necessários à sua subsistência do ofício de transportar pessoas, alguns como atividade principal, outros como renda complementar, o presente artigo busca explorar as percepções e narrativas desses sujeitos acerca das questões econômicas, sociais, culturais e políticas relacionadas ao exercício de suas atividades laborais durante o período de isolamento social estimulado pela pandemia da Covid-19.

A pesquisa que deu origem aos dados que compõem o artigo se inscreve teoricamente na perspectiva da Sociologia Urbana, pois, como pondera Park (1979), na cidade as crises ganham uma proporção maior, devido, entre outros fatores, ao aumento da densidade populacional, à intensidade dos fluxos e trocas (DURKHEIM, 1999); (WIRTH, 1979); (WEBER, 2009), à intensificação dos estímulos sobre o indivíduo (SIMMEL, 1903) e ao desenvolvimento exponencial do capital (MARX, 1975). Devido às práticas de isolamento social promovidas durante o enfrentamento da Covid-19 e a impossibilidade de realização de pesquisas *in loco*, os dados apresentados no artigo foram produzidos por meio da aplicação de um questionário encaminhado via e-mail e/ou aplicativos. O questionário foi distribuído a 18 pessoas no início do mês de julho de 2020, quase quatro meses depois do início do isolamento social na cidade de Imperatriz, Maranhão. Após um decreto do governador Flávio Dino, publicado no dia 21 de março daquele ano, foram suspensas por quinze dias as atividades do comércio nas cidades do estado maranhense, alterando de

maneira significativa as rotinas de trabalho dos nossos interlocutores e nossas estratégias de pesquisa.

Diante desse arranjo de mudanças e transformações recentes, uma das preocupações que inquietam economicamente e politicamente as sociedades atuais e o presente artigo envolve o mundo do trabalho, suas características e possibilidades durante e após o período da “quarentena”, prolongada inúmeras vezes ao longo dos últimos dois anos. Tal questão tem gerado discursos acalorados, nos estimulando a compreender as impressões dos motoristas de aplicativos da cidade de Imperatriz sobre o período de isolamento social associado à Covid-19. O que se pretende é explorar, de maneira incipiente, as mudanças nas rotinas de trabalho, relações sociais e rendimentos econômicos dos nossos interlocutores, identificando possíveis transformações nas narrativas e repertórios simbólicos associados às suas maneiras de ver e estar no mundo.

Para contemplar os objetivos do artigo, ele foi dividido em quatro partes. Inicialmente, busca-se relacionar analiticamente a Pandemia de Covid-19 e os estudos sobre as cidades, ressaltando os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos envolvidos nessa interface. Em um segundo momento, procuramos explorar as representações sobre a pandemia e o isolamento social que passam a nortear as ações dos nossos interlocutores de pesquisa. Na terceira parte do texto buscamos analisar as faces que o medo, enquanto sentimento socialmente construído, incorpora em um contexto de crise sanitária e como estimula o ajustamento das práticas laborais e sociabilidades dos motoristas de aplicativos de Imperatriz. Em seguida, damos destaque às impressões e anseios dos nossos interlocutores diante da pandemia, revelando algumas das mudanças práticas e subjetivas que ganham forma no cotidiano desses trabalhadores urbanos. Nas considerações finais, reforçamos a ideia de que a pandemia possui múltiplas consequências sociais e que a crise que vivenciamos diante desse fenômeno não pode ser dissociada de nosso arranjo histórico e das questões estruturais relacionadas ao mundo do capital.

2 | AS CIDADES E A PANDEMIA DA COVID-19

Para pensarmos as possíveis relações entre as cidades e a Pandemia da Covid-19 é necessário nos atermos aos múltiplos aspectos que envolvem essas conexões, entre eles os sociais. Nessa perspectiva, a Covid-19 é apreciada não apenas como uma questão biológica ou sanitária, pois se encontra atravessada por uma série de questões que aguçam o olhar sociológico para sua análise social (SOUSA, 2020); (PEREIRA, 2020); (CONCEIÇÃO; BLANC, 2020); (KOURY, 2020); (SANTOS, 2020).

Souza (2020) analisa a pandemia a partir de uma chave interpretativa marxista,

destacando como a expansão global do vírus está conectada às dinâmicas do capitalismo contemporâneo, pois novas relações espaço temporais teriam permitido que o vírus se disseminasse rapidamente por todos os cantos do planeta. Apesar do autor não focalizar o termo cidade em suas análises é possível construir uma correlação com nosso trabalho, pois, como esclarece Pereira (2018b), Marx compreende a cidade como o resultado dos condicionantes sociais e econômicos intimamente conectados ao capitalismo moderno. Nessa correlação a cidade pode ser apreciada como lócus privilegiado para a reprodução social e econômica do capitalismo, configurando-se como espaço propício para a circulação e disseminação do vírus.

Conceição e Blanc (2020) realizam uma análise da pandemia associando o espraiamento viral com as cidades e seus fluxos. Para os autores, “os grandes centros, acumuladores das riquezas, endereços das decisões estratégicas, agregadores dos benefícios e dos males da vida urbana, vêm se consolidando como incubadoras da Covid-19” (2020, p. 1), devido, entre outros fatores, à intensidade dos fluxos que caracterizam esses espaços. Pereira (2020) apresenta uma perspectiva similar ao analisar a Pandemia no Maranhão ponderando que as cidades com os maiores índices de contaminação no estado são aquelas que possuem uma maior circulação de bens econômicos e pessoas, respectivamente a capital São Luís e Imperatriz.

Para Park (1979):

A cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniência sociais, ruas edifícios [...]. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizadas [...] Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõe, é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana. (PARK, 1979, p. 1).

Nessa perspectiva ecológica a cidade é observada para além de seus aspectos geográficos e espaciais, sendo decisiva a compreensão das dinâmicas dos atores que a compõem e dão vida ao espaço citadino através de suas interações. Ao destacar em suas análises as relações intrínsecas entre a organização física e moral das cidades, o autor nos inspira a pensar as interfaces de mudanças entre os contextos citadinos e seus arranjos sociais, que dinamicamente se transformaram nesse período de pandemia.

Falaríamos, na perspectiva de Wirth (1979), de um modo de vida renovado, já que:

A característica marcante do modo de vida do homem na idade moderna é a sua concentração em agregados gigantescos em torno dos quais está aglomerado um número menor de centros e de onde irradiam as ideias e as práticas que chamamos de civilização. [...] As influências que as cidades

exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo. (WIRTH, 1979, p. 89).

Os modos de vida urbanos que ganham forma com as cidades modernas e exercem expressiva influência além de seus limites alteram-se, guardadas as devidas distâncias analíticas do autor, durante a pandemia, instigando-nos a pensar a efervescência e dinamicidade características dos espaços citadinos. As dinâmicas dos sujeitos que habitam as cidades foram sensivelmente alteradas nos últimos dois anos, transformando o cotidiano e os modos tradicionais e peculiares de ser e estar nas cidades. Os citadinos, que em suas rotinas diárias se apropriavam dos diversos espaços das cidades, ficaram reclusos em suas casas e apartamentos, elegendo os ambientes virtuais como espaços privilegiados para a tessitura de relações sociais, atividades laborais e práticas de lazer.

Nos primeiros dias e meses da quarentena os contatos com o “mundo lá fora” passaram a ser restritos aos serviços considerados essenciais, tais como farmácias, supermercados e bancos. Os poucos contatos estabelecidos fora dos ambientes domésticos foram marcados, como apontam muitos dos autores citados no início desse tópico, por sentimentos de insegurança e medo, nos remetendo, como aponta Pereira (2020), às experiências de uma *sociabilidade pandêmica* em Imperatriz. Portanto, se a pandemia alterou significativamente nossa vida cotidiana, acreditamos que essas mudanças são mais sensíveis e profundas nos ambientes urbanos das cidades, devido, entre outros fatores, a seu maior fluxo de pessoas e mercadorias, capaz de potencializar a circulação e disseminação da Covid-19. Dinamizada por fluxos, encontros e mobilidades, as crises, como as potencializadas pela pandemia e as crises sanitárias, ganham uma maior proporção e alcance, conforme Park (1979), nas cidades, aguçando nosso olhar sociológico para sua análise e compreensão.

3 | PANDEMIA, ISOLAMENTO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Como apontado, a Pandemia de Covid-19 não pode ser compreendida apenas sob a ótica da saúde pública, já que revela alguns dos principais problemas do Brasil, tais como a desigualdade econômica, as altas taxas de desemprego e a precariedade da moradia de grande parte da população do país, caracterizando esses espaços como potenciais vetores de doenças. Nesse período pandêmico esses problemas tornaram-se mais sensíveis e ganharam maior visibilidade, especialmente quando se associam aos sentimentos de medo do contágio e das mortes físicas, psicológicas e econômicas dos trabalhadores

urbanos. Nessa chave interpretativa a Pandemia da Covid-19 emerge como um problema político, econômico, cultural e social de profunda relevância, mobilizando cientistas sociais e a população em geral para a compreensão dos impactos desse fenômeno em nossas experiências cotidianas.

Na análise desses impactos um ponto que vem sendo debatido de maneira exaustiva pelos analistas sociais se refere às medidas adotadas no enfrentamento e combate ao vírus da Covid-19. Tais discussões, de uma forma geral, têm como um de seus pontos centrais, como bem expõem Ferrari e Cunha (2020), as representações acerca da prática do isolamento social e seus efeitos sanitários e econômicos, apresentando aqueles que se posicionam de maneira contrária a essa prática, por meio de justificativas que envolvem possíveis prejuízos materiais, e aqueles que defendem o isolamento como uma prática viável e salutar nesse momento de pandemia. Werneck e Carvalho (2020), ao analisarem a questão social da saúde pública e seu fator econômico, reconhecem a importância deste último, porém, ponderam que as decisões sobre os caminhos adotados no enfrentamento da pandemia e seus efeitos devem ser tomadas com o objetivo primordial de salvar e poupar vidas.

Tais discussões são importantes não apenas em um plano teórico, pois estão presentes, de maneira direta e/ou indireta, e repercutem em nossas práticas cotidianas, articulando nosso arcabouço simbólico e percepções acerca da Pandemia da Covid-19, processos que nos ajudaram a dar forma a nossas ações sociais (WEBER, 2004), interações (SIMMEL, 2006) e fachadas (GOFFMAN, 1985). Nesse sentido, torna-se decisiva a apreensão das representações acerca do isolamento social e seus efeitos sobre a modulação da ação dos indivíduos e grupos sociais. Em meio a essas representações e repertórios simbólicos são evocadas não apenas questões sanitárias e de saúde pública, mas também elementos políticos, econômicos e sociais que nos ajudam a compreender de uma maneira qualificada esse momento pandêmico.

Em uma análise que leva em conta esses aspectos, revela-se que o isolamento social não está acessível da mesma forma a todas as pessoas, permitindo-nos pensar a pandemia e suas representações associadas a questões estruturais e sociais. Como salientam Werneck e Carvalho (2020), a COVID-19 encontra a população brasileira em uma situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego e cortes profundos em suas políticas sociais.

Ainda que estejamos preservando nossa saúde ao permanecer em casa, é legítima a preocupação sobre como iremos nos alimentar se nossos salários forem cortados ou se não tivermos como gerar nossa renda, no caso de empresários, trabalhadores autônomos e informais. (SOUZA, 2020b).

Mais do que reconhecer a legitimidade de tais preocupações, é sociologicamente significativo compreender como essas representações e repertórios simbólicos fundamentam a definição da situação dos nossos interlocutores de pesquisa (GOFFMAN, 1985), estimulando uma série de ações individuais e coletivas. Pautados na necessidade da manutenção dos ganhos econômicos que garantem suas subsistências individuais e familiares, muitos trabalhadores urbanos mantiveram-se em seus postos de trabalho durante a pandemia, mesmo expostos à doença e seus efeitos mortais. Dessa forma, o medo desponta como uma categoria significativa para a compreensão das relações, ações e interações dos motoristas que trabalham por aplicativo no contexto pandêmico, revelando as múltiplas angústias que envolvem temores relacionados à doença, à morte e à impossibilidade de pagar suas contas ao final do mês.

4 | MEDO, COTIDIANO E SOCIABILIDADE PANDÊMICA

Marilena Chauí (1987) nos convida a pensar:

Do que se tem medo? Da morte, foi sempre a resposta. E de todos os males que possam simbolizá-la, antecipá-la, recordá-la aos mortais. Da morte violenta, completaria Hobbes. De todos os entes reais e imaginários que sabemos ou cremos dotados de poder de vida e de extermínio: da natureza desacorrentada, da cólera de Deus, da manhã do Diabo, da crueldade do tirano, da multidão enfurecida; dos cataclismos, da peste, da fome e do fogo, da guerra e do fim do mundo. (CHAUI, 1987).

Para a autora, alguns de nossos medos sociais relacionam-se diretamente à morte, seja a nossa ou daquelas pessoas pelas quais nutrimos sentimentos. Mais do que destacar os diversos medos que envolvem a experiência humana, é necessário compreendê-los como construções sociais, que se associam ao planejamento e execução das ações individuais e coletivas.

O medo tem sido analisado pelas Ciências Sociais sob múltiplas formas, destacando-se os trabalhos de Eckert (1998), Eckert e Rocha (2008), Koury (2002, 2005), Pastana (2004) e Pereira e Pereira (2017), que buscam, cada um à sua maneira, explorar seu papel na tessitura das ações e relações sociais. Identificando uma *cultura do medo* (PASTANA, 2004) relacionada às questões que envolvem uma *sociabilidade violenta* (MACHADO DA SILVA, 2016), revelam-se não apenas alguns dos ajustes necessários ao desenvolvimento das interações entre os indivíduos nos contextos urbanos, pois o medo estaria associado à composição estética dos lugares, transformando o espaço citadino em uma *cidade de muros* (CALDEIRA, 2000). Sob a ótica desses autores torna-se possível uma relação analítica entre medo, sociabilidades, cotidiano e cidade, nos inspirando a imaginar os

contornos e características do medo em tempos pandêmicos.

Koury (2002, 2005) considera que o medo é uma construção social significativa, pois atua como uma das principais forças organizadoras das condutas individuais e grupais. Nessa perspectiva, o medo socialmente construído associa-se de maneira sensível às nossas formas de pensar, agir e interagir, nos auxiliando na análise dos processos societários em uma sociabilidade dada. Compreendido como *conteúdo* (SIMMEL, 2006), o medo estaria conectado aos impulsos de sociação dos indivíduos, de forma breve ou duradoura, permitindo a identificação de *formas sociais* que se conectam a esses sentimentos. Articulando ditames de um poder disciplinar¹ e regras sociais (Foucault, 2001), o medo e as *sociabilidades pandêmicas* (PEREIRA, 2020) “adquirem uma perspectiva específica” (Idem, p. 75), aguçando o olhar sociológico para sua análise.

O medo em tempos pandêmicos não se relaciona com atos de violência criminal, tendo como eixo central as questões que envolvem a Covid-19 e as possibilidades de seu enfrentamento. Nesse arranjo destacam-se o medo da morte, da perda de entes queridos, de interação com as pessoas, da crise econômica, do futuro, do imprevisível, da ausência em eventos importantes (familiares, culturais, esportivos e religiosos), de passar fome, do desemprego e, entre outros, de contrair a doença ou transmiti-la. Esses medos que se articulam em torno dos tempos pandêmicos e englobam aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos nos instigaram a investigar as experiências dos motoristas do transporte urbano de Imperatriz, revelando algumas faces das sociabilidades urbanas durante a Pandemia de Covid-19.

Destacando os repertórios culturais e afetivos que envolvem a construção social do medo, Pereira (2020) busca delinear as mudanças que ganham visibilidade no comportamento dos sujeitos urbanos e o esvaziamento gradativo das ruas da cidade de Imperatriz, Maranhão. Analisando o medo e suas representações o autor aponta que:

71% das justificativas giram em torno do medo de contágio, [...]. 8,1% também possuem medo do contágio e ao mesmo tempo preocupação pela falta de cuidados das pessoas que não respeitam as normas de proteção. Outros 8,1 temem pela demora e velocidade da pandemia e 4,1 afirmaram o medo do contágio e da situação financeira para a manutenção da própria vida. (PEREIRA, 2020, p. 78).

Na análise de seus dados, Pereira (2000) destaca, além do predomínio do medo do contágio - aquele que nos aproxima da morte (CHAUÍ, 1987) - três situações que nos aproximam das experiências práticas e subjetivas dos nossos interlocutores de pesquisa. A primeira refere-se ao medo do desrespeito às medidas de segurança; a segunda, à duração

1. “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior adestrar; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2001b: 143).

e extensão temporal da crise sanitária; e a terceira, à preocupação financeira diante da manutenção da vida individual e familiar. Como destacado nas linhas anteriores, nem todos os moradores de Imperatriz tiveram o privilégio de manterem-se de maneira adequada em quarentena, pois se viram obrigados a trabalhar em empresas que continuaram a funcionar, de maneira legal ou ilegal, e/ou em atividades consideradas “essenciais”. Entre esses sujeitos encontramos nossos interlocutores, os motoristas que trabalham por aplicativos, “empreendedores individuais” que se viram forçados a trabalhar em meio à pandemia, mesmo diante de uma queda abrupta no número da quantidade de clientes e de condições de extrema vulnerabilidade a que estavam expostos.

5 | OS MOTORISTAS URBANOS DE IMPERATRIZ E SUAS EXPERIÊNCIAS EM TEMPOS DE COVID-19

Para iniciar nossa reflexão sobre estes trabalhadores urbanos gostaríamos de nos remeter a Boaventura de Sousa Santos (2015), que considera que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população” (SANTOS, 2015, p. 20). Em seu livro intitulado *A cruel pedagogia do vírus* (2020) o autor nos remete aos elementos sociais, culturais, econômicos e políticos envolvidos na compreensão da pandemia, trazendo à tona os processos históricos, políticos e culturais relacionados ao modo de vida capitalista moderno. Para Boaventura (2020) a pandemia atinge de maneiras diferentes as pessoas, devido a recortes de raça, classe e gênero e aos resultados de crises anteriores, escancaradas diante da pandemia que vivenciamos.

Seguindo o pensamento de Santos (2020) poderíamos nos perguntar se “ficar em casa” é para quem quer ou para quem pode, pois se há pessoas que burlam o isolamento social, nem todas podem ser classificadas como irresponsáveis ou insanas, já que a quarentena é discriminatória. Ficar em casa é difícil para alguns e impossível para muitos outros, pois algumas pessoas trabalham para que seja possível a quarentena e o isolamento social de outras. Nesse quadro encontramos os motoristas urbanos, que, mesmo diante da diminuição dos deslocamentos pela cidade, perduram como mediadores dos trânsitos estritamente necessários, que envolvem desde a ida a supermercados a visitas a hospitais e farmácias.

Motorista por aplicativos que tem sua única fonte de renda nesse ofício, Carla² considera que na pandemia:

2. Os nomes de todos os interlocutores citados durante o artigo são fictícios como forma de garantir sua integridade física e profissional.

Alguns passageiros não se importam com as medidas de distanciamento e medidas sanitárias, muitos não usam máscaras e poucos fazem o uso do álcool em gel disponível no carro. Outros insistem em utilizar o banco da frente mesmo com o maior risco de contato para ambos, o motorista e passageiro. Sou a favor do isolamento e distanciamento, **não deveria estar trabalhando mas se não trabalhar não posso sobreviver, então trabalho**. Levo pessoas sem máscaras, pois não podemos recusar muitas corridas, os *app* dão punição! Além do lucro já ser pouco, será bem menos se recusar todos que não cumprem as medidas. (Carla, 22 anos, natural de Imperatriz, motorista por aplicativos há 07 meses no período em que realizamos a aplicação dos questionários).

Mesmo dependendo de maneira exclusiva do ofício de transportar pessoas para seu sustento econômico, Carla se posiciona favorável à prática do isolamento social, afirmando ter ciência da gravidade dessa doença e da importância do distanciamento, uso de máscaras e álcool em gel como práticas apropriadas para a contenção do vírus. Apesar de atemorizada pelo medo de contrair a doença, as experiências de nossa interlocutora revelam a concorrência de outros medos nesse momento, especialmente aqueles relativos à falta de cuidado dos passageiros que transportam e não respeitam as indicações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Nessa perspectiva, as vulnerabilidades do trabalho dos nossos interlocutores, sobretudo aqueles que não pararam de trabalhar na pandemia e os que já retornaram às suas atividades, estão envolvidas não apenas pela insegurança de suas situações financeiras, mas também pelo temor da contaminação por sujeitos que se recusam a respeitar as normas sanitárias, tornando o cotidiano destes trabalhadores mais incerto e perigoso.

Indagados sobre as motivações que os levaram a continuar trabalhando mesmo diante do isolamento social, 90% dos motoristas urbanos responderam que “estavam na rua” devido à “necessidade” e/ou “contas a pagar”. Favoráveis em sua grande maioria ao isolamento, 18 dos entrevistados chegaram a ficar em quarentena por períodos que variaram de duas semanas a três meses. Dessa forma, o medo de contrair a doença concorria com o medo de não “sobreviver economicamente” e “não pagar as contas”, pois mesmo que boa parte dos motoristas tenha sido contemplada com o auxílio emergencial do governo federal (72,2 %) o valor recebido era significativamente menor do que suas rendas mensais, que variam de 01 a 03 salários mínimos. Angustiadados pela necessidade de pagar aluguéis e/ou as parcelas de seus carros e motos, grande parte dos motoristas urbanos não teve a opção de “parar”, continuando de maneira insegura suas atividades e/ou retomando-as envoltos em muitas incertezas.

Relatando suas experiências durante a pandemia, o senhor Daniel, motorista há mais de 20 anos na cidade de Imperatriz com experiências nos ofícios de mototaxista, taxista e motorista de *app*, revela algumas das situações vivenciadas por esses sujeitos no período

inicial da crise sanitária. Daniel parou de exercer suas atividades na cidade de Imperatriz quando foi recomendado o fechamento do comércio, shoppings, bares e cinemas por meio do Decreto de nº 23 de 21 de março de 2020. Para nosso interlocutor, sem o comércio funcionando não haveria “corridas” para se pegar, forçando, mesmo que a contragosto, os motoristas a parar momentaneamente seu ofício. Temeroso e com muitas dúvidas com relação ao período inicial da pandemia, Daniel não demorou muito para voltar às suas atividades, começando, após a segunda semana de quarentena, a realizar timidamente algumas corridas no período da manhã, horário em que o comércio estava aberto para os serviços essenciais e algumas lojas abriram clandestinamente. Com a elevação do número de casos na cidade, nosso interlocutor voltou a ficar três semanas em sua casa devido aos sintomas que teve ao contrair a doença, voltando, ao se sentir melhor, ao exercício do seu trabalho.

Para além do medo das questões que envolvem suas vidas financeiras, o medo de contrair a doença e transmiti-la se faz significativamente presente nas narrativas dos interlocutores da pesquisa. Diante desse quadro, os motoristas urbanos, como Daniel, se viram obrigados a mudar seus hábitos cotidianos e suas dinâmicas trabalhistas de maneira sensível, elaborando novas maneiras de imaginar e vivenciar os espaços da cidade e seu ofício. Questionados sobre as principais mudanças ocorridas durante o período da pandemia em seu cotidiano e rotinas de trabalho, as respostas dos nossos interlocutores convergiram para a constatação da diminuição do número de passageiros e para as mudanças nos hábitos relacionados à higiene pessoal. Nessa perspectiva, destacam-se o:

Uso constante de máscaras de tecido, três tipos de álcool 70 no carro (um líquido para borrifar no carro, uma garrafa grande em gel para os passageiros e uma embalagem pequena em gel para meu uso pessoal), além de manter todas as janelas abertas a todo momento. (Quemuel, 29 anos, natural de Imperatriz, motorista por aplicativos há 12 meses no período em que realizamos a aplicação dos questionários).

Se estes trabalhadores se veem obrigados a exercer suas atividades para continuar mantendo economicamente suas famílias e proteger a si e seus entes queridos, o que se percebe é um processo de “construção insegura de novos arranjos e rotinas cotidianas de segurança pessoal e familiar” (KOURY, 2020, p. 14) e “uma sociabilidade pandêmica, pois não é plena na utilização de todos os sentidos humanos, uma sociabilidade fortemente visual com cheiro de álcool e textura de gel” (PEREIRA, 2020, p. 84).

Portanto, o cotidiano desses trabalhadores tem sido marcado pelo medo da morte, da Covid-19, de contrair e transmitir a doença, de perder entes queridos, de passar fome, de não pagar as contas e, entre muitos outros, de não conseguir quitar a parcela do carro. Estes medos concorrem dinamicamente entre si no processo de modulação e

estruturaco das aoes, interaoes e relaoes sociais em tempos pandêmicos, revelando diferencialmente as angustias dos sujeitos que “no podem parar de trabalhar” e os ajustes necessrios s interaoes cotidianas com colegas, familiares e passageiros.

6 | CONSIDERAOES FINAIS

Ainda vivenciamos um perodo bastante turbulento na cidade de Imperatriz, Maranho, devido  Pandemia da Covid-19 e suas consequências. Com a “flexibilizao” gradual do isolamento social na cidade o comércio voltou ao seu funcionamento regular desde pelo menos 18 de maio de 2020, retomando-se as atividades em lojas, bares, restaurantes e cinemas, ao mesmo passo em que a circulao de pessoas, carros e motoristas adensa os fluxos que do vida e forma  cidade.

Apesar do discurso da “volta  normalidade”, aclamado por parte da populao que deseja voltar a frequentar bares, festas e igrejas e condenado por aqueles que temiam o aumento do nmero de casos da doena, o vrus da Covid-19 no desapareceu, no nos permitindo imaginar uma volta a uma pretensa “normalidade plena”. Logo, um dos principais argumentos que se articulam ao discurso do retorno s “atividades normais” conecta-se s lgicas de reproduo do capital, nas quais o lucro emerge como uma prioridade. Nessa perspectiva, a compreenso das representaoes e preocupaoes dos trabalhadores urbanos, sobretudo os que compem o setor de trabalho informal, passa pela anlise dos aspectos estruturais que envolvem as experiências desses sujeitos.

Para Antunes (2008, 2011), as metamorfoses do mundo do trabalho criaram as possibilidades para que o trabalho contratado e regulamentado seja paulatinamente substituído “pelas diversas formas de empreendedorismo, cooperativismo, trabalho voluntrio” (ANTUNES, 2008, p. 7), revelando um empreendedorismo por necessidade (DORNELAS, 2005) conectado ao fenmeno do ao desemprego estrutural (ANTUNES, 2008). Sob essa tica, a emergente apario destes novos trabalhadores urbanos, como os motoristas que trabalham por aplicativos, se insere naquilo que vem sendo chamado de *economia compartilhada* ou *sharing economy* (SLEE, 2017), caracterizada por uma explorao mascarada dos seus “colaboradores”. Portanto, apesar da roupagem de “empreendedores” individuais, uma das consequências mais significativas dessa nova articulao do mundo do trabalho gira em torno da formao de um novo proletariado, compatvel com nossa era digital, que tem sob seu manto “o privilégio da servido” (ANTUNES, 2019). Conectada a processos histricos que envolvem a precarizao e a flexibilizao das rotinas trabalhistas, essa classe de trabalhadores urbanos escancara a profunda desigualdade econmica e social das cidades brasileiras, deixando  margem

do emprego formal e das garantias trabalhistas uma parcela significativa da população do país.

Tal situação se agrava e ganha profundidade quando imaginamos as experiências desses sujeitos em um mundo pandêmico, pois mesmo não sendo o vírus um elemento político, econômico, social ou cultural, em sociedade somos seres ligados por *teias de interdependências* (ELIAS, 1999, 1994), conectando a experiência biológica do vírus às nossas teias sociais, econômicas, políticas e culturais. O vírus não criou as desigualdades e diferenças sociais, contudo escancarou, revelou e trouxe à tona elementos de uma crise inscrita em nossas relações (KOURY, 2020); (ADORNO, 2020); (SANTOS, 2020), nos inquietando a renovar, em meio a um processo que ainda estamos vivenciando, a curiosidade sociológica acerca de seus efeitos sobre os trabalhadores urbanos de nossas cidades.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. “Déficit habitacional é obstáculo para isolamento vertical, dizem pesquisadores”. Entrevista a José Tadeu Arantes. **Boletim da Agência FAPESP**, em 01 de abril de 2020. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/32874>. Acesso em: 10 jul. 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Afinal, quem é a classe trabalhadora hoje? **Estudos do Trabalho**, LOCAL, v. 2, n.3, p.1-9, 2008.

_____. **O privilégio da servidão** – o novo proletariado de serviços na era digital. Editora Boitempo, 2018.

_____; ALVES, Giovanni. As Mutações no Mundo do Trabalho a Era da Mundialização do Capital. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n.87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

BLANC, Manuela; CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. Cidades, seus fluxos e o espriamento viral: As prospecções possíveis em uma análise da incidência da Covid-19 em TO, MA, ES e RJ. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia**, p. 1-27, 2020.

CHAUÍ, Marilena (1987). Sobre o Medo. In: **Os Sentidos da Paixão**. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/sobre-o-medo/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Transformando ideias em negócios**. 2º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins fontes, 1999.

ECKERT, Cornélia. Antropologia do Cotidiano e Estudos das Sociabilidades a partir das feições dos medos e das crises na Vida Metropolitana. **Horizontes Antropológicos**, n. 7, 1998.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza da. Cidade Sitiada, o medo como intriga. **Revista Iluminuras**, v. 9, n. 21, 2008.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. Modelos de jogos. In: **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

FERRARI, Andrés; CUNHA, André Moreira. **A pandemia de Covid-19 e o isolamento social: saúde versus economia**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-a-pandemia-de-covid-19-e-o-isolamento-social-saude-versus-economia/>. Acesso em: 5 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2002). Medo, Vida Cotidiana e Sociabilidade. **Revista De Ciências Sociais - Política & Trabalho**, 18, 9-19. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6489>. Acesso em: 18 ago. 2021.

_____. **Medos Corriqueiros e Sociabilidades**. João Pessoa: Edições do Grem, Editora Universitária, 2005.

_____. O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, abril de 2020. Suplemento Especial – Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções, pp. 13-26, maio de 2020 - ISSN 1676-8965.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. In: _____. **Fazendo a cidade: Trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, vol. 1, 1975 online.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno Urbano** RJ: Zahar Ed., 1979.

PEREIRA, Ana Paula P. **De Táxi aos Táxi-lotação da cidade de Imperatriz – MA: A construção social de uma categoria de trabalhadores urbanos**. Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia) Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz-MA, 2018a.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Cenários e medo e as sociabilidades pandêmicas no Maranhão. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, abril de 2020. Suplemento Especial – Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções, pp 67-86, maio de 2020

- ISSN 1676-8965.

_____. As cidades na perspectiva do materialismo histórico dialético: Marx, Engels e as cidades industriais. **Sociabilidades Urbanas**: Revista de Sociologia e Antropologia, v. 2, n. 5, p. 39-54, 2018b.

_____; PEREIRA, Ana Paula P. Interações, estigmas e sentimentos: notas sobre o ofício de mototaxista em Imperatriz-MA. *In*: **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, v.5, p. 160-183, 2017.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. As grandes cidades e a vida do Espírito. *In*: **MANA**, 11(2), 2005 (1903).

SLEE, Tom. **Uberização**: A nova onda do trabalho precarizado. Ed. Elefante, ed. 1, 2017.

SOUZA, Diego de Oliveira. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2469-2477, jun. 2020a. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702469&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2020. Epub 05-Jun-2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11532020>.

SOUZA, Kelen Rocha de. **Pandemia e Economia**: cartas sobre a mesa! Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/artigo-pandemia-e-economia-cartas-sobre-a-mesa/>. Acesso em: 06 jul. 2020b.

STUDING, Guy; ANTUNES, Cristina. **O precariado** – a nova classe perigosa. Editora Autêntica, ed. 2, 2013.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: volume II. Brasília: Editora UNB, 2009.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 36, n. 5. Acesso em: 14 jul. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>>. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno Urbano**. RJ: Zahar Ed., 1979.

Atena
Editora
Ano 2022



UFMA
PPGS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA



Atena
Editora
Ano 2022



UFMA
PPGS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIOLOGIA

